

Design de Moda e Economia Solidária: uma Experiência Concreta

Fashion design and Solidarity Economics: a Concrete Experience

Sanches, Maria Celeste de Fatima; MSc; Universidade Estadual de Londrina
tsanches@sercomtel.com.br

Silva, Anniele Manoela da; Pós-graduanda; Universidade Estadual de Londrina
annielems@hotmail.com

Resumo

O presente artigo relata a vivência de inserção do design de moda em um empreendimento de economia solidária. Tal experiência foi viabilizada pela parceria entre a pesquisa acadêmica e uma comunidade carente. A integração se efetuou através de oficinas que abordaram novas técnicas manuais e desenvolvimento de produto, durante todo o ano de 2007, proporcionando contribuições mútuas.

Palavras Chave: design de moda; economia solidária; comunidade.

Abstract

The present article refers to the living experience and the insertion of fashion design in an undertaking of solidarity economics. Such experience was viable through collaboration between academic research and a poor community. Resulting in mutual contributions, the integration was achieved through workshops which approached new manual techniques and product development during all of 2007.

Keywords: *fashion design; solidarity economics; community.*

Introdução

O artigo relata a vivência de integração entre o design de moda e a economia solidária, analisando possíveis contribuições desta interação para a inserção econômico-social.

Durante o processo constatou-se que as parcerias entre design e grupos cooperativos podem contribuir positivamente para o desenvolvimento de comunidades carentes, desde que sejam respeitadas as características particulares de cada contexto sociocultural.

Economia Solidária

O Brasil sofreu com a falência de indústrias nos anos 80, em virtude da abertura de mercado. Na época, conforme Singer (2003), muitos operários, em busca de uma solução que evitasse o desemprego, associaram-se para administrar estas indústrias, organizando-se em cooperativas.

As cooperativas serviram como exemplo para pessoas sem ocupação formal, as quais, isoladamente, obtinham ganhos irrisórios. Tal fato tornou-se um incentivo à união e à organização de atividades econômicas baseadas em decisões igualitárias e na divisão equivalente do capital, configurando grupos com sistemas de auto-gestão. Esse tipo de organização é denominado Economia Solidária e valoriza o bem viver coletivo.

Singer (2003) define a Economia Solidária como uma proposta na qual os trabalhadores buscam alternativas frente à desigualdade e à exclusão da dinâmica das trocas econômicas, regendo-se pelos seguintes princípios administrativos:

- a) Posse coletiva dos meios de produção e distribuição;
- b) Gestão democrática;
- c) Partilha do excedente financeiro anual
- d) Capital utilizado como fundo de preservação.

Assim, visando o apoio aos empreendimentos populares, surge, nos anos 90, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, o programa ITCP- Incubadora Tecnológica de Cooperativa Popular - um projeto de extensão universitária que cria redes de informação e conhecimento para o desenvolvimento sustentável.

O programa obteve ótima repercussão entre as universidades brasileiras, promovendo a implantação de projetos semelhantes, entre os quais está a INTES - Incubadora Tecnológica de Empreendimentos Sustentados, na Universidade Estadual de Londrina, instituição onde se realizou o presente trabalho.

Nestes projetos, o saber e a mão-de-obra dos grupos carentes se integram ao saber acadêmico, propondo a qualificação e assessoria dos trabalhadores, através de ações que estimulam a autogestão, a exploração da natureza dentro de seus limites, a inserção econômica e, conseqüentemente, a conquista da cidadania.

Em vista disso percebe-se que, devido à sua essência sistêmica, o design pode auxiliar nesta articulação, através de parcerias bem planejadas.

Design e Economia Solidária

De acordo com Manzini & Vezzoli (2002) até a revolução industrial o artesão possuía um conhecimento advindo da prática cotidiana e do domínio de todas as fases do processo de produção. Esse saber constituía sua autonomia, face ao processo de trabalho. Todavia, o desenvolvimento industrial dividiu socialmente o trabalho e transferiu o domínio do processo produtivo para o detentor do capital. Isto desenvolveu uma produção de saberes técnicos alheios àquele que participava da força de trabalho, o que tirou do artesão, então trabalhador industrial, o sentimento de pertencimento e preocupação com o produto, gerando queda na

qualidade e diminuição da auto-estima, por não saber da sua importância na cadeia produtiva.

Conforme Denis (2000), nessa época o crítico inglês John Ruskin e o designer Willian Morris, juntamente com correntes cooperativistas e sindicalistas, apontaram a alienação do processo produtivo como causa do mal-estar do trabalhador e da queda de qualidade do produto, influenciando os movimentos *Arts and Crafts* na Inglaterra e o *Werkbund* na Alemanha, os quais, segundo De Moraes (1999), propunham maior integração entre projeto e execução, numa relação mais igualitária entre os trabalhadores envolvidos na produção e a elevação dos padrões de qualidade de materiais, de acabamentos e de conceito artístico.

Assim, percebe-se, nas origens do design, um caminho de parceria com as ações da economia solidária.

Entretanto, Leite (2006) alerta:

[...] grandes parcelas da população brasileira permanecem alheias ao sistema de trocas de mercadorias e serviços... Excluídos da dinâmica das trocas econômicas... Esse enorme contingente de pessoas defronta-se com problemas reais sobre as quais a nossa capacidade projetiva deveria atuar, com questões a serem contempladas pela ação de nossas habilidades. E que não contemplam. (LEITE, 2006, p. 100)

Deste modo, a presente pesquisa buscou contribuir no desenvolvimento do Empreendimento Solidário Unidas Somos Mais (USM), através da reaproximação entre as artesãs e o processo produtivo, respeitando história, cultura e conhecimento tecnológico dessas trabalhadoras.

Desenvolvimento do Trabalho

As atividades do referido grupo começaram em novembro de 2003, com o incentivo das agentes de saúde que, ao visitarem as famílias da região periférica de Londrina, notaram um grande número de mulheres depressivas. A proposta era fundar uma associação que criasse alternativas para a re-socialização dessas mulheres. Assim, as primeiras ações foram oficinas mensais, nas quais as participantes compartilhavam técnicas artesanais, utilizando insumos doados pela Secretaria da Mulher.

Em 2004, a associação USM procurou a INTES na Universidade Estadual de Londrina (UEL), para formar uma cooperativa e adquirir autonomia financeira. Para isso, a Incubadora ofereceu oficinas de qualificação.

No início de 2007 o grupo solicitou capacitação para inovação dos produtos, planejamento e uso de maquinário. Tal demanda possibilitou a parceria entre este grupo e o Trabalho de Conclusão de Curso de Anniele Manoela Silva, estudante do último ano do Curso de Estilismo em Moda da UEL.

De acordo com Martins (apud MENDES & QUELUZ, 2005), ao interagir com uma comunidade é fundamental inserir-se no contexto pesquisado, recorrendo à sua história de vida e dialogando em uma relação de alteridade. Então, realizou-se entrevistas com as artesãs, para estabelecer laços de confiança através do conhecimento das suas histórias de vida e da trajetória do grupo, definindo o tipo de colaboração pertinente.

Deste modo, a parceria consistiu em:

a) A estudante auxiliou na qualificação das artesãs, por meio de oficinas de desenvolvimento de produto e uso de maquinário.

b) A comunidade contribuiu com elementos de referência para o Trabalho de Conclusão de Curso da estudante.

Neste sentido, elaborou-se atividades integrando as necessidades da comunidade e a ação social do Design de Moda, por meio do trabalho acadêmico. Para tanto, as oficinas

abordaram planejamento projetual, técnicas manuais e utilização correta do maquinário disponível, sempre respeitando o saber empírico das artesãs. Da mesma forma, explicou-se que seus trabalhos possuem um valor simbólico e podem se encaixar no processo produtivo local, mantendo a plataforma dos princípios da Economia Solidária que o empreendimento pratica.

Oficinas

As oficinas foram realizadas durante o ano letivo de 2007, às quartas-feiras em encontros de 1 hora, para não atrapalhar a rotina de produção das artesãs. Porém, o tempo de duração de cada oficina variou muito. A primeira foi ministrada em dois encontros, enquanto a quarta oficina precisou de quatro, isso ocorreu em prol do respeito à dinâmica de aprendizado das artesãs, que ora aceleravam e ora diminuían o ritmo, devido à troca de informações pessoais.

Neste contexto, seis oficinas foram efetivadas, estruturando-se sob os seguintes focos: apresentação da origem e execução da técnica *Smocking* (escolhida pelo grupo); experimentação criativa de variações da técnica; planejamento projetual de novos desenhos e aplicação da técnica apreendida; estimulação e organização do trabalho em equipe; manipulação de máquina Reta e Overloque industrial.

O processo e resultados destas interações podem ser observados nas figuras 1, 2, 3 e 4.



Figura 1 - Oficina 1 - Resultado da técnica em retalho- Fonte própria



Figura 2- Oficina 2 - Criando um novo desenho - Fonte própria



Figura 3 – Oficina 3 - Trabalhando em conjunto- Fonte própria



Figura 4 – Oficina 4 – Utilizando a Overloque industrial- Fonte própria

Cada oficina atendeu seu objetivo e também contribuiu no propósito coletivo de estimular as artesãs à inovação de seus produtos, já que elas aprenderam uma nova técnica, tiveram acesso às máquinas para melhoria do acabamento e começaram a planejar efetivamente suas criações. A vivência proporcionou também o enriquecimento da pesquisa acadêmica e do Trabalho de Conclusão de Curso da aluna em questão, fornecendo elementos para o projeto de produtos de moda. (Fig. 5)



Figura 5 – Produto do Trabalho de Conclusão de Curso- Fonte Própria

Considerações Finais

Observou-se que a valorização do saber empírico do grupo, promoveu o sentimento de inclusão social e facilitou debates sobre sustentabilidade ambiental, estimulando iniciativas pessoais neste sentido.

Por outro lado, a inserção da nova técnica consolida a identidade da comunidade, visto que se trata de um grupo urbano que assimila técnicas de origens diversas, recriando-as em uma rica mescla de linguagens.

Quanto a uma produção em larga escala, as artesãs dizem que não é o objetivo, pois alteraria muito suas rotinas. Por isso, querem continuar as oficinas para desenvolver produtos com melhor acabamento e aprender a elaborá-los por temas, mantendo a produção pequena, mas com valor agregado.

Nessa parceria, percebeu-se que a integração entre design e comunidades carentes é vantajosa para ambos os lados, quando bem planejadas, já que visam a autonomia da comunidade e a assimilação de saberes alternativos para o trabalho do designer.

Referências

DE MORAES, Dijon. **Limites do design**. São Paulo: Nobel 1999.

DENIS, Rafael Cardoso. **Uma introdução à história do design**. São Paulo: E. Blücher, 2000.

LEITE, João de Souza. Tudo pelo social: o debate sobre o mercado e sociedade na educação do design In: COELHO, Luiz Antonio. **Design método**. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio; Teresópolis: Novas Idéias, 2006.

MANZINI, Ezio; VEZZOLI, Carlo. **O Desenvolvimento de Produtos Sustentáveis**. São Paulo: Ed. USP, 2002.

MENDES, Mariuze Dunajski; QUELUZ, Gilson Leandro. Design e artesanato: reflexões sobre uma abordagem não reificadora nas pesquisas e interações com as comunidades. In: LOPES Marilda; QUELUZ, Pinheiro. **Design e cultura**. Curitiba: Ed. Sol, 2005.

SINGER, Paul. **A economia solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego**. São Paulo: Contexto, 2003.